

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PSICOMOTORA**

SHIRLEY DA CONCEIÇÃO MIRANDA DE LIMA

PSICOMOTRICIDADE E NATUREZA:
A importância do brincar ao ar livre na Educação Infantil

Rio de Janeiro
2023

SHIRLEY DA CONCEIÇÃO MIRANDA DE LIMA

PSICOMOTRICIDADE E NATUREZA:

A importância do brincar ao ar livre na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade Educacional.

Orientadora: Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer.

Rio de Janeiro

2023

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

L732 Lima, Shirley da Conceição Miranda de

Psicomotricidade e natureza : a importância do brincar ao ar livre na educação infantil / Shirley da Conceição Miranda de Lima. - Rio de Janeiro, 2023.

54 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer.

1. Psicomotricidade – Estudo e ensino. 2. Educação infantil. 3. Natureza. 4. Brincadeiras. 5. Crianças - Desenvolvimento. I. Schaefer, Katia de Souza e Almeida Bizzo. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

SHIRLEY DA CONCEIÇÃO MIRANDA DE LIMA

PSICOMOTRICIDADE E NATUREZA:

A importância do brincar ao ar livre na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade Educacional.

Aprovado em 31 de outubro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer
Colégio Pedro II
Orientadora

Prof.^a Ma. Tatiana de Freitas Ordonhes de Melo
Colégio Pedro II

Prof.^a Dra. Isadora Souza
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Rio de Janeiro

2023

Dedico esta pesquisa a todos que
participaram das lembranças do vivido

Fazer a história é estar presente nela e não
simplesmente estar nela representado.

(Paulo Freire, 1989)

AGRADECIMENTOS

Louvo a Deus, o autor da Criação. “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gênesis 1.1), pela oportunidade de concluir essa Pós-Graduação em Educação Psicomotora, no Colégio Pedro II. Era um desejo do meu coração. Aprendi muito, coisas ocultas dentro de mim foram descobertas e entendidas. Pude retornar ao meu lugar de adoração em conexão com a Criação Divina. A natureza é um lugar de encontro com Deus!

Agradeço à minha amiga Eliza Ramos do curso de Licenciatura em Pedagogia (ISERJ), pelo incentivo. Dizia ela que essa pós era a minha essência. Gratidão pelo compartilhamento do edital para poder fazer a prova.

Agradeço à minha querida professora e orientadora, Katia Bizzo, pela sua sensibilidade, conhecimento e vivências compartilhadas com suas crianças no CREIR, a partir do brincar ao ar livre com e na natureza, ampliando a minha visão em relação a esse campo de experiência; que acreditou em mim e se encantou com as minhas vivências, me incentivou e me orientou com zelo, me mostrando o melhor caminho. Muita gratidão e afeto!

Agradeço a todos os professores do curso que contribuíram para a minha formação. E, também as minhas orientadoras, Tatiana Melo, Cíntia Tavares, Kelsiane Aparecida, Isadora Souza e Josele Teixeira. Obrigada pelas contribuições.

Agradeço a todas as crianças que participaram desse processo de formação, em especial, a “Menina Terra”, que se encantava e me encantava ao se conectar com os elementos naturais. Hoje me tornei aprendiz da natureza.

Agradeço à minha equipe maravilhosa, Tania Cristina e Nívea França, que embarcaram comigo nessa trilha cheia de desafios, a equipe diretiva do EDI Deputado Pedro Fernandes, em especial, à Professora Articuladora (PA) Livia Borges, pelo incentivo ambiental.

Agradeço à nossa turma da pós, pelo acolhimento e bons encontros, mesmo sabendo das minhas impossibilidades e, em especial, à minha amiga Thaisa, pelas trocas e afetos. Vocês são memoráveis!

Agradeço aos meus familiares por todo apoio e compreensão, principalmente pelos sábados que não pudemos estarmos juntos. Valeu à pena!!

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

(Rubem Alves, 2002)

RESUMO

LIMA, Shirley da Conceição Miranda. **Psicomotricidade e Natureza**: a importância do brincar ao ar livre na Educação Infantil. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

A presente pesquisa tem como objetivo relatar os benefícios do brincar ao ar livre com e na natureza, enfatizando a importância do entrelaçamento da Psicomotricidade e a Natureza nos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) ou em qualquer espaço educacional para crianças dessa etapa da Educação Básica. A pesquisa foi bibliográfica, de cunho qualitativo, entrelaçada com memórias do vivido na prática educacional da autora. Os capítulos estão relacionados ao desemparedamento das infâncias, embasados nas leis que regem a Educação Infantil no Brasil. A partir destes registros, são apresentadas crônicas, seguidas de reflexões teóricas e práticas na primeira infância: as crônicas da natureza, compartilhadas nos bons encontros do EDI onde a autora trabalha. A partir da pesquisa realizada, cabe ressaltar a afetividade e o desenvolvimento psicomotor nas práticas vivenciadas e como caminho para novas descobertas, potencializando o desenvolvimento das crianças na alegria dos bons encontros com e na natureza, ao ar livre, no cotidiano da Educação Infantil.

Palavras-chave: Psicomotricidade; Natureza; Desemparedamento; Memórias; Educação Infantil.

ABSTRACT

LIMA, Shirley da Conceição Miranda. **Psychomotricity and Nature**: the importance of playing outdoors in Early Childhood Education. 2023. Course Completion Work (Specialization in Psychomotor Education) – Pro-deanery of Postgraduate Studies, Research, Extension and Culture, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

This research aims to report the benefits of playing outdoors with and in nature, emphasizing the importance of intertwining Psychomotricity and Nature in Child Development Spaces (EDI) or in any educational space for children at this stage of Basic Education. The research was bibliographic, of a qualitative nature, intertwined with recollections of what was experienced in the author's educational practice. The chapters are related to the walls removed from childhood, based on the laws that govern Early Childhood Education in Brazil. From these records, chronicles are presented, followed by theoretical and practical reflections on early childhood: the chronicles of nature, shared in the good meetings of the EDI where the author works. Based on the research carried out, it is worth highlighting affectivity and psychomotor development in the practices experienced and as a path to new discoveries, enhancing children's development in the joy of good dates with and in nature, outdoors, in the daily life of Early Childhood Education.

Keywords: Psychomotricity; Nature; Walls removed; Remembrances; Early Childhood Education.

RESUMEN

LIMA, Shirley da Conceição Miranda. **Psicomotricidad y Naturaleza:** la importancia de jugar al aire libre en Educación Infantil. 2023. Trabajo de Finalización do Curso Monográfico (Especialidad em Educação Psicomotriz) – Decano de Estudos de Pós-graduação, Investigação, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

Esta investigación tiene como objetivo reportar los beneficios de jugar al aire libre con y en la naturaleza, enfatizando la importancia de entrelazar Psicomotricidad y Naturaleza en los Espacios de Desarrollo Infantil (EDI) o en cualquier espacio educativo para niños en esta etapa de Educación Básica. La investigación fue bibliográfica, de carácter cualitativo, entrelazada con recuerdos de lo vivido en la práctica educativa de la autora. Los capítulos están relacionados con la separación de la infancia, con base en las leyes que rigen la Educación Infantil en Brasil. A partir de estos registros se presentan crónicas, seguidas de reflexiones teóricas y prácticas sobre la primera infancia: las crónicas de la naturaleza, compartidas en las buenas reuniones de la EDI donde trabaja la autora. A partir de las investigaciones realizadas cabe destacar la afectividad y el desarrollo psicomotor en las prácticas vividas y como camino hacia nuevos descubrimientos, potenciando el desarrollo de los niños en la alegría del buen encuentro con y en la naturaleza, al aire libre, en el cotidiano de la Primera Infancia en espacios educativos.

Palabras claves: Psicomotricidad; Naturaleza; Desemparejamiento; Recuerdos; Educación Infantil.

LISTA DE FIGURAS (ILUSTRAÇÕES)

Figura 1 – Psicomotricidade e Natureza.....	13
Figura 2 – Desemparedamento.....	14
Figura 3 – Registro Corporal com o Educador	15
Figura 4: Crônicas da Natureza.....	18
Figura 5: Movimento natural/livre	21
Figura 6: Bons encontros.....	25
Figura 7: Vínculo afetivo	26
Figura 8: Criança é natureza.....	28
Figura 9: Encantamento das infâncias	30
Figuras 10 e 11: Felicidade	32
Figura 12: A Menina Terra	33
Figura 13: Brincando com a Terra	35
Figura 14: O chão de Lalá.....	36
Figura 15: Brincar solitário	37
Figura 16: Materiais Didáticos Acessíveis	38
Figura 17: Menino Graveto	39
Figura 18: Sementes Amarelas	40
Figura 19: Lama.....	41
Figura 20: Percepções Sensoriais.....	42
Figura 21: Os quatro elementos da Natureza	43
Figura 22: Roda de conversa	44
Figura 23: Detetives do Canteiro Verde.....	45
Figura 24: A lagarta reluzente	46
Figura 25: Jogo simbólico	47
Figura 26: Ninho do passarinho	48
Figura 27:Enterro do passarinho	49
Figura 28: Corpo e movimento.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CNE – Conselho Nacional de Educação

CRE – Coordenadoria Regional de Educação

DCNEA – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

DNEDH – Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EDI – Espaço de Desenvolvimento Infantil

IEI – Instituições de Educação Infantil

ISERJ – Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro

LBI – Lei Brasileira da Inclusão

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

PA – Professor Articulador

SBP - Sociedade Brasileira de Pediatria

SME – Secretaria Municipal de Educação

TA – Tecnologia Assistiva

TEA – Transtorno do Espectro do Autismo

TDN – Transtorno de Déficit de Natureza

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	EDUCAÇÃO INFANTIL E PSICOMOTRICIDADE: QUAL A RELAÇÃO COM O BRINCAR COM E NA NATUREZA?	20
3	REMEMORAÇÕES DO VIVIDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CRÔNICAS DA NATUREZA	31
3.1	A menina Terra	32
3.2	O chão de Lalá	36
3.3	O menino e os gravetos	38
3.4	As sementes amarelas	40
3.5	A horta do Verdito	43
3.6	Detetives do Canteiro Verde – A lagarta reluzente	45
3.7	O silêncio do pássaro (enterro)	47
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo relatar os benefícios do brincar ao ar livre com e na natureza, enfatizando a importância do entrelaçamento da Psicomotricidade e a natureza nos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI), acolhendo as crianças em seus desejos de deslocar-se e movimentar-se livremente, a partir do desemparedamento. Considerando as crianças como seres da natureza e assumindo o respeito a sua paixão pela vida ao ar livre (TIRIBA, 2010), é urgente desemparedar.

O movimento de desemparedar pressupõe novas concepções de natureza, de ser humano, de conhecimento, de educação e de escola; aponta, portanto, para um novo paradigma civilizatório e implica desafio para a elaboração e implementação de políticas públicas – relativas à ampliação de vagas, à construção de creches e pré-escolas, às metodologias de formação de professores, em que a educação não se concentre em processos racionais, seja movimento de corpo inteiro; em que as aprendizagens não se restrinjam aos espaços entre paredes; em que a escola seja lugar de viver o que potencializa a existência (SANTOS; TIRIBA, 2015, p. 198)

Para tanto, considerar as vontades do corpo é fundamental porque as emoções oriundas do estado de conexão com a natureza geram aprendizagens e orientam o desenvolvimento integral.

Para especificar melhor esse brincar natural, cabe esclarecer que a perspectiva de corpo se refere à Psicomotricidade, que é uma ciência que estuda o sujeito, entendendo-o como ser relacional, de forma que o corpo vivencia e potencializa o desenvolvimento físico, motor, emocional, social e ambiental de forma indissociável, quer seja pelos afetos das relações consigo mesmo, quer seja com outros corpos e com o ambiente.

O livre brincar parte dos interesses mais genuínos da criança e aflora em sua maneira de se relacionar com o mundo à sua volta a todo o tempo e em toda a sua potência. Esse brincar que é linguagem da criança, é jeito de investigar e criar. A criança é natureza e o brincar é como a criança: um convite a se relacionar com os outros e com a natureza. Um brincar que incluiu elementos não estruturados como fonte de aprendizado, troca de saberes e fonte de prazer. Um brincar que provoca deslocamentos, que põe o corpo em movimento intenso, revelando os princípios que regem a vida na Terra, aguçando os sentidos, a imaginação e o senso de

pertencimento das raízes com a Terra e respeito a ela. A oportunidade de ter contato com uma grande diversidade sensorial, junto com experiências afetivas e sociais, é um fator de alto impacto no desenvolvimento pleno de todas as capacidades cognitivas, sensoriais, motoras, físicas, socioemocionais e imunológicas. Esse contato com a natureza acompanha o ritmo natural da criança, pois ela é exposta a uma rica variação de estímulos na qual experimenta e avança de acordo com sua necessidade e prontidão, favorecendo seu amadurecimento físico e psicológico (figura 1). Brincar na e com a natureza é uma forma de expressão autêntica da criança, uma maneira de fazer arte, honrar a infância, intensificar e respeitar a vida, e promover a sustentabilidade.

Figura 1: Psicomotricidade e Natureza



Fonte: a autora, 2023

Viver é sentir com o corpo inteiro, sentir pelo afeto, como diz Spinoza: “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (SPINOZA, 2020, p. 99). A partir dessa reflexão de Spinoza e juntamente com as reflexões das experiências vivenciadas nas crônicas que são relatadas neste trabalho, procurei observar e fazer a leitura corporal da turma, no brincar ao ar livre com e na natureza.

A partir de um olhar psicomotor, surgiu o desejo de pesquisar o brincar livre com a natureza, a conexão da criança com a natureza e como o desemparedamento afeta o desenvolvimento psicomotor infantil, buscando compreender o que a natureza traz de facilitador para esse desenvolvimento (figura 2).

A natureza é a vida que se expressa em todos os seres, coisas e fenômenos. As crianças declaram sua paixão pelos espaços ao ar livre, porque são modos de expressão desta mesma natureza (ESPINOSA, 1983).

Figura 2: Desemparedamento



Fonte: a autora, 2023

Esta pesquisa pode contribuir para orientar, possibilitar e reinventar um modo da criança experimentar e vivenciar suas experiências em conexão com a natureza e uma educação que forme sujeitos éticos, capazes de ter empatia pelo outro, espírito de coletividade e sensibilidade com os demais seres da biodiversidade, ressaltando a importância da afetividade nas relações.

Com isso, este trabalho torna-se relevante ao considerar o contexto histórico e social no qual também se encontra a Educação Infantil que, diante de um paradigma, vem ganhando cada vez mais visibilidade no cenário educacional.

Para além das questões presentes na Educação Infantil, relacionar a pesquisa em questão com o vivenciado no corpo é fundamental para que as nossas vivências e afetações façam parte do que levamos para a nossa prática educacional.

É necessário passar pelas experiências para poder vivenciá-las com as crianças (figura 3), pois ensinamos aquilo que gostamos, o que nos afeta positivamente e, muitas vezes, deixamos de experimentar e de propor essas experiências vivas às nossas crianças por nos desconectarmos de nossas próprias histórias. O educador também tem sua história, seus registros corporais.

Figura 3: Registro Corporal com o Educador



Fonte: a autora, 2023

Diante do exposto, esta pesquisa busca um caminho metodológico em que eu me implico na pesquisa através da rememoração do vivido no meu corpo. Posso falar das memórias afetivas da minha infância com a natureza, lembro-me com encantamento das experiências que vivi. Tomava banho de chuva no primeiro dia do ano (e no decorrer do ano também). Essa prática era sagrada em minha vida. Minha mãe dizia que era bom para a vida. Eu também brincava de fazer castelinho com areia da praia e depois me cobria com areia, o que representava uma sensação maravilhosa. Até hoje gosto de enfiar os pés na areia. Eu contava carneirinho olhando as nuvens passar. Hoje me vejo amando o céu e sua amplitude; ouvir o barulho das ondas e sentir a brisa em meu rosto; e o canto dos passarinhos, um diferente do outro. Eu ainda brincava nos parques naturais, andava descalça, subia em árvores, era tudo muito bom! Como o poeta Manoel de Barros (2015, p. 124) descreve:

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade [...].

A afetividade que tive com a natureza me ensinou a ser sensível, observadora e detalhista. Por isso, enquanto caminho, me percebo encantada com sua beleza, diversidade e sensorialidade. Ela também me ensinou a ser cautelosa, a ter cuidado em andar nas pedras escorregadias com o limo verde das cachoeiras, a respeitar o limite das águas e a proteger os pequenos insetos, pois nós somos enormes para eles. A natureza é educadora, ensina, nos pequenos detalhes, a se relacionar consigo mesmo, com o outro e com o ambiente natural.

É com base nessas vivências e nas pesquisas sobre o assunto que percebo que as relações das crianças com a natureza nos dão pistas de práticas pedagógicas que levam em considerações as vivências e experiências delas.

Com isso, este estudo tem por objetivo entender como o corpo, pelo olhar da Psicomotricidade, se apresenta e interage com o mundo que o cerca e com o brincar que está intimamente atrelado nessa relação.

Para tanto, houve a intenção de investigar o brincar ao ar livre, mais potente, criativo e cooperativo, para o desenvolvimento psicomotor da criança; relacionar o aprendizado ao ar livre com as habilidades relacionais e emocionais, a interdisciplinaridade e a integração dos saberes; estudar o desemparedamento das infâncias a partir do processo de desenvolvimento pleno com a natureza para explorar o mundo; e refletir sobre o brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso às produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Na relação dos estudos realizados e as lembranças do vivido, a pesquisa se constituiu como qualitativa, através de uma investigação bibliográfica entrelaçada com a pesquisa narrativa.

Sou professora de Educação Infantil, da Secretaria Municipal de Educação (SME/RJ) / EI Carioca na rede, atuando na 5ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE). As experiências que seguem aconteceram no Espaço de Educação Infantil

(EDI) em que trabalho, com turmas do Maternal I e II, (com a faixa etária de dois a quatro anos de idade), em um período de três anos consecutivos. Uma turma era composta por 23 alunos, dois alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e um em investigação de Altas Habilidades, entre outros com algumas questões em observações. A outra turma era composta com 15 alunos, três alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), entre outros com questões comportamentais. Essa turma era bastante agitada. Em parte desse período, estava fazendo a Especialização de Educação Psicomotora no Colégio Pedro II. Conseqüentemente, comecei a desenvolver um olhar psicomotor na minha prática, em que fui instigada a observar a leitura corporal da turma e refletir sobre o fazer pedagógico em diferentes espaços do EDI, incluindo os espaços abertos, que é um direito da criança, dever do estado e da equipe escolar, como descrito na Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, do Ministério de Educação, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI):

As propostas pedagógicas das Instituições de educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem [...] os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos as salas de referência das turmas e a sua instituição (BRASIL, 2009, art.8º, § 1º).

As orientações curriculares do Ministério de Educação Brasileiro asseguram o direito da criança em se locomover dentro do espaço escolar e explorar outros lugares que não sejam somente os espaços internos. Sendo assim, a rotina escolar precisa ser organizada e planejada para proporcionar a vivência em ambientes naturais. As DCNEI (BRASIL, 2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

Criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivemos, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Seguindo a rotina com a minha turma, comecei a observar os movimentos corporais, a interação da turma com os elementos naturais nos espaços abertos do EDI e nas realizações das atividades propostas pelo Material Rioeduca (RIO DE JANEIRO, 2022a; 2023b), inspirado nos campos de Experiências, presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) e no Currículo Carioca

(RIO DE JANEIRO, 2020). Durante esse percurso, senti a necessidade de observar cada vez mais o desenvolvimento psicomotor de cada criança, e a partir de minhas leituras corporais e da minha própria vivência, estudando e aprofundando teoria e prática da Psicomotricidade, surgiram às crônicas da Natureza. Foi assim que foi elaborada a mandala a partir da sugestão de experiências com elementos da natureza (figura 4), baseada no Material Rioeduca, do 2º semestre de 2022 (RIO DE JANEIRO, 2022).

Figura 4:Crônicas da Natureza



Fonte: autora, 2022

Com base nas crônicas narradas, a pesquisa foi se constituindo através da busca de uma escuta e atenção como forma de estar presente, de colocar em questão o próprio caminho percorrido nos espaços abertos a partir do brincar livre com e na natureza. Como escreveu Larrosa (2015, p. 25),

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

A partir da escuta sensível, surgiram as crônicas da natureza que são apresentadas neste trabalho: *A menina Terra*; *O chão de Lalá*; *O menino e os gravetos*; *As sementes amarelas*; *A horta do Verdito*; *Detetive do Canteiro Verde*; e *O silêncio do pássaro*. Os autores já citados ajudaram a construir as narrativas e os achados desta pesquisa, proporcionando um bordado de corpo inteiro em forma de palavras, de textos, de pesquisa.

Partindo desses pressupostos, espero que os capítulos que se seguem contribuam para ampliar as reflexões e os caminhos do brincar livre na e com a natureza nos ambientes da Educação Infantil. A escola é uma Instituição fundamental para o desenvolvimento integral da criança na primeira infância e a responsabilidade do educador é muito grande, pois tem em suas mãos a base da Educação básica. Segundo Tiriba (2018, p. 184).

A escola é o único espaço social que é freqüentada diariamente, e durante um número significativo de horas, por adultos e crianças. É, portanto um espaço privilegiado para a instituição de práticas educativas que favoreçam a integridade de cada ser, que respeitem diferenças de classe, gênero, raça e credo e que alimentem relações fraternas entre os membros da espécie e que preservem a biodiversidade, assegurando a qualidade de vida na terra.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL E PSICOMOTRICIDADE: QUAL A RELAÇÃO COM O BRINCAR COM E NA NATUREZA?

Durante muito tempo a educação de crianças bem pequenas esteve marcada pelo assistencialismo nas creches e pela escolarização nas pré-escolas. Como orientação nacional, obrigatória para a Educação Infantil, temos um documento que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009). Nas diretrizes são apresentados os fundamentos norteadores para a organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil. As DCNEI definem currículo em seu Artigo 3º como “conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, *ambiental*, científico e tecnológico de modo a promover o desenvolvimento integral da criança”. Mesmo assim, ainda hoje, há muitas instituições de Educação Infantil que continuam presas à lógica da produtividade, de compensação, com práticas assistencialistas ou escolarizantes, com foco apenas na mente, esquecendo-se do restante do corpo como se corpo e mente fossem separados, pelo ponto de vista da metodologia cartesiana (TIRIBA, 2018), divorciando o ser humano da natureza, separando o corpo da mente, fragmentando o pensar e o fazer, o trabalho e o lazer, expressando o desprazer pelo corpo e resultando em um processo educacional “do pescoço para cima”. O corpo se move, se relaciona, sente e expressa; esse é o mecanismo de comunicação dos seres humanos, é a fonte das nossas aprendizagens. O corpo e a mente não se separam, só acontecem juntos. Isso tem toda relação com a Psicomotricidade e o desenvolvimento integral infantil.

O artigo 9º das DCNEI destaca que as interações e as brincadeiras são os eixos norteadores do trabalho na Educação Infantil, além de enfatizar a garantia de diversas experiências, entre elas, as experiências sensoriais, expressivas, corporais, a exploração e o conhecimento sobre a natureza (BRASIL, 2009). Se as interações e brincadeiras são apontadas como eixos norteadores da proposta curricular, as práticas pedagógicas devem estar atentas às manifestações infantis, aos desejos e interesses que as crianças expressam quando brincam livremente entre si.

É esta atenção que assegura o respeito ao princípio estético de valorização da sensibilidade, da criatividade e da liberdade de expressão, potencializadas quando em interação com os elementos naturais (figura 5). Uma pedagogia que respeite as vontades do corpo conseguirá manter viva a potência infantil, pois o livre

movimento dos corpos está na sua origem e possibilita o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza (BRASIL, 2009, Art. 9º, VIII).

Figura 5: Movimento natural/livre



Fonte: a autora, 2023

Ao brincar na terra, as crianças vão construindo sentidos sobre a sociedade e sobre a natureza, que possibilitarão se constituírem como seres não antropocêntricos, ou seja, que saibam cuidar de si, dos outros e do ambiente, sem ter como princípio que o sujeito é o centro do universo e que tudo deve estar voltado ao seu serviço. Em uma relação mais biocêntrica do que antropocêntrica, é possível dizer não ao consumismo que destrói e desperdiça o que a natureza oferece de melhor a todos os seres vivos (TIRIBA, 2018).

Se as crianças são o centro do planejamento curricular, este entrelaçamento com a natureza não é uma opção e sim um direito. Cumprir o princípio de respeito ético ao meio ambiente, afirmado no Artigo 6º das DCNEI (BRASIL, 2009) implica compreender que os seres humanos são parte dessa rede, cujo equilíbrio depende de cooperação entre espécies que se associam, que evoluem há milhões de anos. Quanto maior a rede de relações, quanto maior a diversidade de espécies, maior será a possibilidade de preservação da Terra. A continuidade da vida no planeta depende de novas formas de sociabilidade e de subjetividade, comprometidas com a democracia e a sustentabilidade (BRASIL, 2009, Art. 7º); subjetividades que não

sejam antropocêntricas, individualistas, competitivas e consumistas, que não sejam autocentradas e focadas na posse de objetos, mas voltadas para as interações solidárias entre as pessoas, os povos do mundo e as outras espécies.

As diretrizes nos mostram caminhos diante de realidades diversas, mas vale considerar que o documento representa um grande avanço legal para o cenário educacional. Como prevê o Art. 8º das DCNEI (BRASIL, 2009), há que se garantir às crianças o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e aos movimentos amplos nos espaços internos e externos às salas de referências das turmas e à instituição, pois, como seres da natureza, cuja identidade se constitui na interação com os membros de uma espécie que possui especificidade histórica, cultural, racional, lingüística e política. As crianças só se constituirão integralmente se forem sujeitos de seus corpos e de seus movimentos nos espaços onde vivem e convivem.

As unidades escolares são espaços privilegiados para aprender-ensinar porque lá as crianças colhem suas primeiras sensações, impressões, sentimentos do viver. Sendo assim, a dimensão ambiental não poderia estar ausente, ou a serviço da dimensão cultural. Ambas deveriam estar absolutamente conectadas. A Educação Ambiental é muito importante na primeira infância, enquanto processo que religa o ser humano e natureza, razão e emoção, corpo e mente, conhecimento e vida. Valorizar esse diálogo da criação é reinventar os tempos, os espaços, as rotinas das instituições de Educação Infantil, possibilitar que as crianças tenham acesso à vida que está no entorno, isto é, possam alimentar os elos que as afirma como seres orgânicos, religá-las com o mundo natural e assegurar qualidade de vida no plano de três ecologias: pessoal, social e ambiental.

A ecologia pessoal diz respeito às relações de cada um consigo mesmo, às conexões de cada pessoa com o seu próprio corpo, com o inconsciente, com os mistérios da vida e da morte, com suas emoções e sensações corporais, com sua espiritualidade. A ecologia social está relacionada às relações dos seres humanos entre si, às relações geradas na vida em família, entre amigos, na escola, no bairro, na cidade, entre os povos, entre as nações. A ecologia social retrata a qualidade destas relações. A ecologia ambiental diz respeito às relações que os seres humanos estabelecem com a natureza. Reflete as diferenciadas maneiras como os grupos humanos se relacionam com a biodiversidade, de maneira sustentável ou predadora: com o objetivo de satisfazer suas necessidades fundamentais, ou com o objetivo de apropriação-transformação-consumo-descarte [...] (TIRIBA, 2018, p. 28)

Conforme descrito, é fundamental que os espaços de Educação Infantil, assim como as políticas de formação, sejam vistas como campo intersetorial, interdisciplinar e multidimensional, o que aponta para uma articulação entre as perspectivas da Educação, Cultura, Saúde, Assistência e do Meio Ambiente, especialmente para uma aproximação em relação aos saberes da Educação Ambiental, cujas diretrizes são expressas na Política Nacional de Educação Ambiental, através da Lei nº 9.795/99 (BRASIL, 1999).

Para ampliar as argumentações, Tiriba (2018), com a obra *Educação Infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias*, apresenta o conceito de emparedamento, referente às práticas escolares que ignoram a importância do contato com a natureza no cotidiano educacional. Para contrapor tais formas de atuar, Tiriba (2018. p. 41) propõe:

Como fruto desse esforço – de superação de metodologias de trabalho apegadas aos modelos racionalistas que ainda hoje imperam na educação das crianças e, portanto, na formação de seus educadores – definimos cinco desafios: reconectar-se com a natureza; dizer não ao consumismo e ao desperdício; redesenhar os caminhos do conhecer; dizer sim às vontades do corpo e, finalmente, aprender-e-ensinar a democracia.

Segundo Louv (2016), autor da obra *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza*, a desconexão com a natureza, mesmo quando ela está disponível, tem implicações enormes para a saúde humana e o desenvolvimento infantil. O autor resgata o conceito de biofilia e ressalta a Ecopsicologia, que tenta resgatar o inconsciente ecológico dos sujeitos, com a conexão da evolução humana, trazendo contribuições relevantes para repensarmos sobre o que ele define como Transtorno do Déficit da Natureza (TDN).

Em diálogo com esse pensamento, há o Manual de Orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP; ALANA, 2019, p. 6), que apresenta os benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes:

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), que agrega 22 mil médicos pediatras, recomenda:

- As crianças e adolescentes devem ter acesso diário, no mínimo por uma hora, a oportunidades de brincar, aprender e conviver com a – e na – natureza para que possam se desenvolver com plena saúde física, mental, emocional e social. [...]

- As escolas e instituições de cuidados devem organizar suas rotinas e práticas de forma a equilibrar o tempo destinado às atividades curriculares com o tempo livre (recreio), a fim de permitir que as crianças e os adolescentes tenham amplas oportunidades de estar ao ar livre, preferencialmente em ambientes naturais em contato com plantas, terra e água [...].

Para enfatizar ainda mais a contribuição dos pediatras, há mais uma afirmação do Manual da Sociedade Brasileira de Pediatria (idem, p. 5):

Paralelamente, muitas pesquisas surgiram nos últimos anos mostrando que o convívio com a natureza na infância e na adolescência melhora o controle de doenças crônicas, como diabetes, asma, obesidade, entre outras, diminui o risco de dependência ao álcool e a outras drogas, favorece o desenvolvimento neuropsicomotor e reduz os problemas de comportamento, além de proporcionar bem-estar mental, equilibrar os níveis de vitamina D e diminuir o número de visitas ao médico. O contato com a natureza ajuda também a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento de múltiplas linguagens e a melhora da coordenação psicomotora. Isso sem falar nos benefícios mais ligados ao campo da ética e da sensibilidade, como encantamento, empatia, humildade e senso de pertencimento.

A saúde dos corpos, portanto, depende da interação desses com o que os afeta alegremente, com os bons encontros que potencializam a vontade de agir e de se perceber em sua essência (figura 6). A oportunidade de ter contato, desde a primeira infância, com uma grande diversidade de ambientes naturais, junto com experiências afetivas e sociais, é um fator de alto impacto no desenvolvimento pleno de todas as capacidades cognitivas, sensoriais, motoras, físicas, socioemocionais e imunológicas. Sendo assim, naturalizar as infâncias é promover inúmeras oportunidades de interação, contemplação, encantamento, investigação, experimentação e relação com a rica diversidade de elementos, paisagens e sistemas presentes na existência humana indissociável; e permitir a expressão livremente da existência plena natural, como caminho para nutrir um referencial infindável de associações, vínculo, integração e empatia.

Figura 6: Bons encontros



Fonte: a autora, 2023

Segundo Schaefer (2021), possibilitar o desenvolvimento das crianças significa educar e cuidar e essas ações acontecem de forma indissociável em toda a prática educacional. Cuidar de crianças inclui atender a todas as necessidades infantis. Sabemos que a escola tem um papel fundamental na formação da criança, que as vivências possuem importante significado para o desenvolvimento social e afetivo da criança e que essa relação cotidiana e sensível fortalece o vínculo afetivo. Junto a esse pensamento, podemos resgatar Wallon (*apud* GALVÃO, 1995) ao afirmar que a personalidade da pessoa é formada pela afetividade e a inteligência. Menciona que a afetividade é a disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno.

A vida de cada um está inscrita em seu corpo, em suas atitudes, em sua forma de se relacionar com novas aprendizagens, com outros indivíduos, consigo mesmo e com o ambiente em que se encontra. (SCHAEFER, 2021, p. 17)

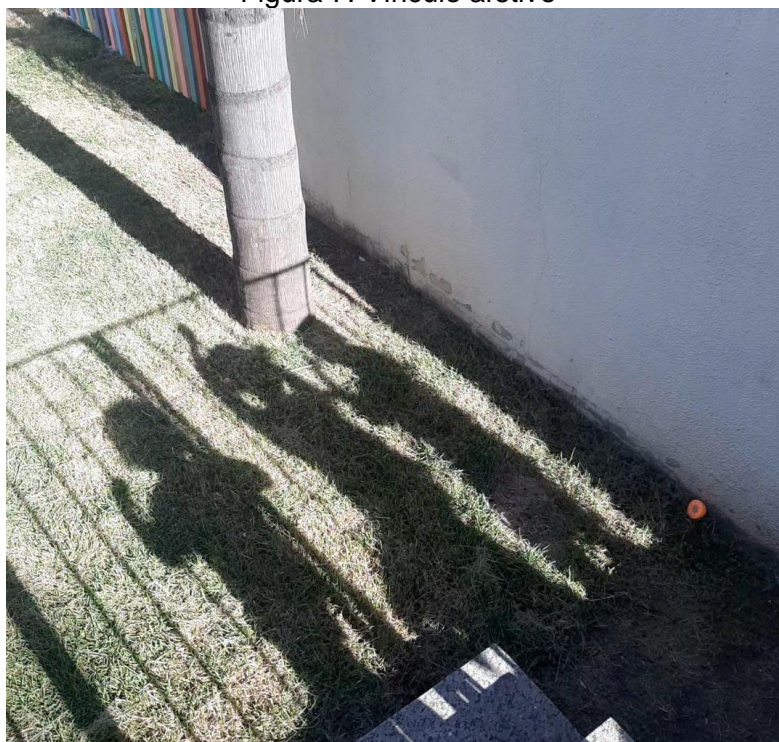
A partir desse pensamento, vou descrever um breve relato sobre uma analogia da Planta Dormideira e as crianças. No meu trabalho de conclusão de curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia, pelo Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), pesquisei sobre a importância da afetividade na primeira

infância, a partir da Planta Dormideira. A natureza é a nossa casa, ela nos ensina em todas as circunstâncias.

Observando algumas sementes da planta Dormideira que plantei no jardim da minha casa, que com o tempo cresceu e se alastrou, pude observar bem próximo que seus galhos possuíam espinhos e sua flor era lilás. Ao anoitecer, se fechava e, ao amanhecer, se abria. Quando alguém chegava no jardim, pedia para tocá-la e observava seu toque. Fazendo uma analogia entre a planta dormideira que é sensível ao toque e a criança, pude observar como o toque e as vivências são importantes para as memórias afetivas que deixamos registradas nas crianças. Comparando a criança com a planta, que se fecha ao tocar-lhe bruscamente, pude perceber como acontece uma relação afetiva. Todo nosso corpo se expressa em comunicação. A fala carrega muito mais do que as palavras, carrega sentimentos, além do que é falado. É preciso estar atento como saber falar, ouvir e se expressar.

Segundo Wallon (*apud* GALVÃO, 1995), podemos compreender a afetividade de forma abrangente, como um conjunto funcional que emerge do orgânico e adquire uma forma social na relação com o outro e que é uma dimensão fundante da formação integral da criança (figura 7).

Figura 7: Vínculo afetivo



Fonte: a autora, 2023

A partir do protagonismo infantil, podemos pensar um currículo com as crianças em relações afetivas, verdadeiras, respeitadas, na busca por aguçar nossos olhares e ouvidos ao que elas nos mostram e nos dizem sobre quem são e o mundo que desejam construir. Pode ser um caminho possível para bons encontros, descobertas potentes, pois a essência da criança é única. Nesse contexto se encontra a Educação Infantil e, nesse sentido, é necessário promover um encontro das infâncias com a sua potência, na construção de uma educação infantil com direito à alegria, em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias, parafraseando o título da obra de Tiriba (2018).

No que diz respeito à Psicomotricidade como a ciência que estuda o ser humano através do seu corpo em movimento, levando a entender como ele se apresenta e interage com o mundo que o cerca, o brincar está intimamente atrelado nessa relação. Não tem como falar de Psicomotricidade sem falar de relações afetivas, relação com o ambiente, relação com o outro e consigo, destacando as três regras das vivências psicomotoras: cuidar de si, do outro e do ambiente. É preciso que as pessoas tenham vivências amorosas com a natureza para que possam tratá-la amorosamente. Segundo Tiriba (2018), ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive.

Assim como o corpo e o conhecimento não se separam, a natureza também não é separada dos seres humanos. Em nossa essência, somos natureza. E a infância é uma etapa da vida que deveria ter essa interação com a natureza de forma privilegiada e diária.

Tempo livre e espaço para brincar com a natureza deveria ser direito garantido de todas as crianças nos ambientes educacionais. Fazer cumprir as DCNEI (BRASIL, 2009) implica trabalhar no sentido da constituição de pessoas/grupos comprometidos com a produção das Instituições de Educação Infantil (IEI) em que as crianças sejam respeitadas não somente como cidadãs de direito, mas também como seres orgânicos, desejantes, de carne e osso; sujeitos de afeto, de sensibilidade, de conhecimento, que exigem cuidados em todas as suas dimensões corporais – emocionais, físicas, cognitivas, espirituais, culturais –, considerando diferenças étnicas, de classe e de gênero, ambientais.

Quando falamos de perceber a relação da natureza no nosso corpo estamos falando em Psicomotricidade porque é nessa relação com o ambiente, com o nosso corpo, com outros corpos, com a nossa respiração, nosso caminhar, com o nosso

agir que estamos nos comunicando corporalmente. O contato com a natureza proporciona o desenvolvimento de potencialidades motoras, sensoriais e perceptivas.

Dessa maneira, acreditamos nas experiências das infâncias como a arte do encontro, da alegria, em comunhão com a natureza, do desemparedamento, do bem viver, do coletivo e do acolhimento, um currículo que segue os passos e caminha junto das crianças. Ao brincar livre, o corpo pede pela natureza porque é natureza. Então busca a água, a terra, o sol, o vento, a sombra, a pedra, a árvore, os bichos, as plantas e as pessoas. Brincam e se potencializam nesse brincar. Descubrem o mundo através do se emocionar, agir pela emoção. Brincar gera novas emoções e novas ações e, com tudo isso, todas as aprendizagens significativas que precisam para se potencializar e se relacionar eticamente na vida. Tudo isso ocorre no instante do brincar (figura 8). A verdadeira razão vem dos afetos, de se emocionar, na relação consigo mesmo, com o outro e com o ambiente (SCHAEFER, 2021).

Figura 8: Criança é natureza



Fonte: a autora, 2023

O brincar é natural do ser humano. Observamos que as crianças se desenvolvem nas interações com outras crianças, com adultos, com o espaço, com os materiais, nas relações e nas vivências cotidianas e, sobretudo, nas brincadeiras. Fica impossível desconsiderar o brincar no contexto escolar. Para ampliar as argumentações, Schaefer (2020, p. 248) diz que:

[...] é preciso estarmos abertos a escutar o que as crianças dizem, atentos aos seus desejos e à possibilidade de fazermos com que elas encontrem espaços de realização, quando esses desejos demonstram coadunar com a busca por uma vida mais saudável.

Winnicott (1975, p. 70), destaca que “o natural é o brincar... Dificilmente é necessário ilustrar algo tão óbvio quanto o brincar”. Para o autor (idem, p. 88), o brincar envolve o corpo. No brincar a criança está vivenciando a dimensão integral do seu corpo, o seu corpo fica todo envolvido na brincadeira e na potência criadora. Brincar é vida!

O brincar é direito das crianças e as brincadeiras precisam fazer parte do cotidiano das escolas em diferentes contextos e formatos. Ao brincar, a criança está criando, sentindo prazer. O brincar nos leva à saúde. Quando uma criança não brinca, algo de errado está acontecendo e precisa ser investigado (WINNICOTT, 1975). Para potencializar esse brincar, em 1989, ocorreu a Convenção dos Direitos das Crianças, ratificada no Brasil, em 25 de setembro de 1990 (BRASIL, 1990). Nesse documento, o artigo 31 merece destaque, por trazer o brincar como direito humano:

1. Os Estados Parte reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer, a brincar e a participar de atividades de recreação apropriadas à sua idade e de participar livremente da vida cultural e das artes.
2. Os Estados Parte deverão respeitar e promover o direito da criança de participar integralmente da vida cultural e artística e deverão propiciar oportunidades iguais e apropriadas para a atividade cultural, artística, recreativa e de lazer. (BRASIL, 1990, Art. 31)

Analisar esse brincar livre potencializa a relação afetiva das crianças com a natureza. A partir da observação das vivências com as crianças nos espaços abertos do EDI, onde atuo como professora de Educação Infantil, cabe refletir sobre que mundo é esse que a criança lê, quais leituras faz dele, o que há que precisa ser problematizado e reinventado para a construção de um currículo vivo, potente e bom

para o desenvolvimento psicomotor das crianças bem pequenas. A pesquisadora Tiriba (2010, p. 6,) nos questiona:

Encantar-se com a beleza do dia [...], ouvir o canto de um pássaro, observar as nuvens brincando no céu [...] que ensinamentos, que aprendizagens, que estados de espírito essas experiências propiciam?

Encantar-se com a existência passa por poder encontrar a sentir-se um com o todo, e notar seu próprio reflexo no mundo à sua volta, para que seja nutrida a semente individual e única de cada existência. Essa potência e fonte germinam e se desenvolvem melhor quando regadas e nutridas de afeto. Dentro de toda semente reside a essência integral para a realização plena da vida. Essas experiências propiciam encontros naturais, cheios de encantamentos de conexão, de pluralidade, de presença, de plenitude e de vivacidade e promovem um encontro das infâncias com a sua potência, na construção de uma Educação Infantil com direito à alegria, potência e afetividade (figura 9).

Figura 9: Encantamento das infâncias



Fonte: a autora, 2023

3 REMEMORAÇÕES DO VIVIDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CRÔNICAS DA NATUREZA

A partir de um novo olhar, um olhar psicomotor, cheio de vida e encantamento, vou relatar algumas experiências memoráveis com uma turma que vivenciou um período de pandemia da COVID-19. A turma ansiava pelos espaços abertos do nosso EDI, era um grupo unido, que cuidava de si, do outro e que estava aprendendo a cuidar da natureza. Eles estavam experienciando cada cantinho, cada descoberta, com alegria e encantamento. A poesia de Manoel de Barros (2016, p. 75) nos provoca a ir além ao que “o olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”. A Educação Psicomotora descortinou o meu olhar para as vivências do dia a dia.

Descortinar o olhar psicomotor é um caminho sem volta porque não é possível perceber o outro em sua potência de agir e ignorar o que se vê, o que se sente. Com esse olhar, a necessidade de buscar meios de se relacionar com o que se revela diante de nós: um corpo que expressa muito mais do que aprendemos nos livros escolares, nos conteúdos programáticos, nas normas institucionais. (SCHAEFER, 2019, p. 16)

É um caminho sem volta, são descobertas que nos levam a buscar mais experiências, mais dias memoráveis. Transver o mundo pelos olhos da Psicomotricidade requer olhar para o nosso corpo, nos reconectar a ele, compreender que somos o nosso corpo. O estudo da Psicomotricidade apura nosso olhar a perceber o sujeito por inteiro, a fazer a leitura corporal, entendendo-o como ser relacional que, através do corpo, potencializa o desenvolvimento físico, motor, emocional, social e ambiental a partir dos afetos consigo, com o outro e com o ambiente (SCHAEFER, 2020). Sendo assim, é necessário desemparedar as crianças pois o corpo é a expressão viva de movimentos.

Devemos entender o movimento como a forma natural da expressão do corpo. Um corpo que vive: se move, sente, percebe, muda, imagina, pensa, fala... exhibe o movimento em suas diferentes formas (a pessoa se revela em sua unidade). O corpo contém e produz aquilo que somos [...] se expressa e apresenta a partir e através das diferentes manifestações do movimento que, mutuamente entretidas, nem separadas nem separáveis, integram as dimensões da pessoa. (MASTRASCUSA; FRANCH, 2016, p. 31)

A partir dessa corporeidade investigada, vou relatar algumas vivências que me afetaram profundamente diante das lembranças do vivido na natureza.

3.1 A menina Terra

Essa é uma menina que é Público-alvo da Educação Especial, com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) leve, com habilidades para artes, que amava desenhar e pintar. Ela se encantava e me encantava com os elementos naturais nos espaços abertos do EDI. Ao explorar os espaços cotidianamente, comecei a observar seu movimento corpóreo: corria pelos espaços, deitava no chão, sentia a temperatura do asfalto, observava o céu, se reorganizava e fazia as estereotípias com as mãos e braços que giravam livremente ao ar livre, sentindo a brisa e o calor do sol em seu corpo (figuras 10 e 11).

Figuras 10 e 11: Felicidade



Fonte: a autora, 2022

Um dia, ela resolveu experimentar a terra. Foi magnífico! Lembro-me daquele momento até hoje, foi um dia memorável, mudou a sua rotina e foi experimentar a sensorialidade terrena, foi mágico! Ela sentou na terra, começou a manusear a terra com as mãos, depois começou a passar a terra nas pernas, nos braços, no rosto e na cabeça (figura 12). Ela tocava seus cabelos, cariciando-os com as mãos cheias de terra. Por um bom tempo, ela vivenciou esse momento. Ela demonstrava brilho nos olhos, sentindo a textura da terra. Eu a observava em cada gesto, estávamos entrelaçadas naquele momento com a terra, com a experimentação, com a vivência, com o encantamento. Eu queria entender o que ela estava sentindo, porque parecia

ser uma sensação maravilhosa: ela sorria, sentia, vibrava emocionalmente! Aos poucos foi se reorganizando, voltando ao processo do início. Se levantou e foi girar de braços abertos livremente ao ar livre, sentindo a brisa e o calor do sol em seu corpo.

Essa vivência passou fazer parte da rotina escolar dela, ela precisava nutrir esse sentido todos os dias. Essa experiência me afetou profundamente e fui tentar compreender aquela sensação que ela sentiu naquele momento. A partir dessa experiência, comecei a observar essa procura das crianças com o elemento terra e me tornei uma aprendiz da natureza!

Figura 12: A Menina Terra



Fonte: a autora, 2022

Como seres da natureza, as crianças só se constituirão integralmente se forem sujeitos de seus corpos e de seus movimentos nos espaços onde vivem e convivem, dos desejos e interesses que as crianças expressam quando brincam livremente entre si e também em interação com os elementos naturais. Ao brincar na terra, a criança vai se familiarizando com seus elementos, vai se religando e criando uma afeição pelas coisas vivas. Isso se dá porque há biofilia, ou seja, o desejo de se afiliar com outras formas de vida (LOUV, 2016). A biofilia é a afinidade que os seres humanos têm com a natureza. A conexão biológica e psicológica desenvolvida na evolução de nossa espécie.

Sentir essa conexão com a natureza estimula a sensação de bem-estar. A biofilia nos lembra que não estamos separados da natureza. Mas que somos parte

dela. Essa atração inata pela natureza precisa ser alimentada pelas educadoras, gerando bons encontros (ESPINOSA, 1983).

Religar as crianças com a natureza significa, na prática, reconhecer que ela palpita dentro de cada ser humano como íntimo sentimento de vida, como aconteceu com a Menina Terra. Pude observar que um dos efeitos do manuseio da terra, do barro, da areia, da argila, é o de proporcionar o equilíbrio do corpo em toda a sua subjetividade.

Boff (1999, p. 35) ressalta: “Sentir que somos Terra nos faz ter os pés no chão. Faz-nos desenvolver nova sensibilidade para com a Terra, seu frio e calor, sua força, às vezes ameaçadora, às vezes encantadora”. O autor destaca a relação terrena dos seres humanos na relação com o próprio eu, com outros corpos e com o ambiente que habitam, na relação com a terra. Além de possibilitar a percepção ecológica, estabelece um vínculo corporal, despertando a importância do cuidado com o planeta e com o restabelecimento do sentimento de pertencimento a esse habitat, pelas sensações que tal relação provoca, mostrando o quanto estamos interligados com a sua essência.

Ao deixar a terra nos envolver, como se invadissem nossa pele e mudasse nossa cor, outros sentidos são acionados. Essa relação do corpo com a terra está relacionada com a essência corporal de cada ser humano. Piorski (2016, p. 122) relata que “brincar com as primícias do mundo material, a lama e o visgo, como o barro e as colas, é um decifrar (pele a pele) dos primeiros fatos da alma”. Analisando o comportamento da Menina Terra, puder perceber a terra como objeto simbólico, transicional, que nos remete à origem do húmus, do humano, fertilidade, acolhimento, mãe-terra. A terra que acalma ao se fundir no corpo de quem brinca, invasiva, pois não pediu permissão para penetrar os poros da pele, nos cantos da unha, nos espaços entre os fios de cabelo. São os bons afetos que ampliam a potência de agir de cada ser pela (re)conexão com sua essência única – a natureza (SPINOZA, 2011).

Piorski (2016, p. 121) complementa:

Logo, tão significativo se faz auscultar os sonhos lentos do tato, a personalidade dos dedos, o almejo das unhas, pois as mãos, sem os apetrechos, os extensores e as ferramentas, são talvez o mais sincero e desnudado auscultar imaginário da criança materialista.

A partir do olhar psicomotor para o corpo, a terra e a brincadeira, o brincar na terra, gera uma relação de afeto e, nas palavras dos psicomotricistas Lapierre e Aucouturier (2004, p. 28):

Podemos evidenciar esse conteúdo emocional por meio da busca do movimento lento, fluido, contínuo, que vai permitir a busca de entendimento. Neste momento, o objeto já está carregado de uma certa afetividade. Um trabalho individual pode nos levar a um diálogo afetivo com certos objetos com os quais o contato é agradável. Somos levados ao estado regressivo do objeto transicional.

O ato de se relacionar pelo brincar é um ato de criação e de percepção das possibilidades do próprio corpo e a terra convida a esse brincar e a tantas outras interações que se aproximam do solo, ao sentar, usar as mãos, os pé e até o restante do corpo; uma relação prazerosa pelo relaxamento do tônus muscular da criança, ou seja, da Menina Terra envolvida. Portanto, brincar na e com a terra nos leva a um contato interno e externo; comunicação gerada nas relações com o nosso próprio corpo, com outros corpos, possibilitando a interação e socialização nesse processo de crianças com TEA.

Concluindo essa crônica, a Menina Terra passou a interagir com a turma nos espaços abertos (figura 13). Sua comunicação verbal foi ampliando juntamente com o seu desenvolvimento psicomotor. Precisamos dizer sim às vontades do corpo e, com essa permissão, escutarmos e aceitarmos a importância do contato com a terra, não só como um prazer, mas como potencialização do EU que não existe desconectado da natureza.

Figura 13: Brincando com a terra



Fonte: a autora, 2022

3.2 O chão de Lalá

Lalá, uma menina que adorava andar descalça, se encontrava no chão e se encantava com as folhas que encontrava pelos caminhos da vida. Era meiga, carinhosa e um pouco “na dela”, quieta em seus próprios pensamentos. Ao chegar ao EDI, sentava no chão e tirava seus sapatos e suas meias para andar livremente. Explorava os espaços abertos do EDI com alegria. Adorava sentar no chão e brincar com os elementos naturais que encontrava. Muitas vezes também trazia folhas que pegava no chão, do caminho de casa até ao EDI (figura 14).

Figura 14: O chão de Lalá



Fonte: a autora, 2022

Sabemos que a criança bem pequena descobre o mundo quando encontra um meio favorável para as brincadeiras livres, criativas e inventivas. Lalá se religava à natureza que palpita dentro dela como íntimo sentimento de vida. Esse sentimento ainda está vivo nas crianças, expresso em sua alegria quando são deixadas livres para viver momentos de experiências com a natureza.

Ao brincar no chão, com a terra, construir castelos de areia, fazer lama, fantasiar segredos da floresta encantada de seus sonhos, ao imaginar enredos em que se transmutam em animais e vice-versa, as crianças vão construindo sentidos

sobre a sociedade e sobre a natureza (BRASIL, 2009, Art. 4º), ao promover a Educação Infantil em áreas abertas, em ter acesso a locais que possibilitem o contato e a troca com os elementos naturais. A natureza é acolhedora, as crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos, para o aprendizado e a criatividade. As crianças vivem pelos sentidos.

As experiências sensoriais afetam os sentidos, sendo assim, a natureza é a principal fonte de estímulo sensorial. Ao experienciar esse ambiente natural, as habilidades sensoriais são aguçadas, a percepção visual vai se ampliando, desenvolve-se a escuta sensível e, durante esse processo de aprendizagem, a natureza se torna a educadora da criança.

Lalá expressava seu desejo e encantamento pelos espaços ao ar livre, gostava de brincar sozinha. Habitar secretamente os espaços é um dos sonhos da criança, sonho da intimidade que ama o segredo, um guardador de impressões. Manoel de Barros poetiza a solidão da criança e Piorski (2016, p. 82) relata:

“O abandono me protege”. Nesse abandono do brincar solitário, foi capaz de guardar, inscrutar sua poesia de inversão imagética, declaradamente tirada das impressões de seu tempo de criança. Quanta maturidade calcada no ermo de sua própria infância vive o poeta em seus versos.

Lalá foi experienciando suas inquietudes nos lugares secretos da natureza, gostava de subir em árvores, cantar e criar gestos, dançava como uma flor, exalando sua beleza (figura 15).

Figura 15: Brincar solitário



Fonte: a autora, 2022

3.3 O menino e os gravetos

A educação é um processo de corpo inteiro porque o conhecimento é fruto da ação do sujeito no mundo, mobilizada pelo desejo, possibilitada pelo corpo, guiada por processos sensoriais (GUIMARÃES, 2008). Diante dessa reflexão, vou descrever um relato de caso de um menino, Público-alvo da Educação Especial, com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com nível de suporte severo.

Diante de diversas experimentações sensoriais, um menino se afetou com a natureza a partir dos gravetos que encontrava nas praças e nos espaços abertos do EDI. Sua relação com as texturas de diversas árvores favorecia seu desenvolvimento. Era nos espaços ao ar livre que se desenvolvia. Ele era sensível a cores quentes, preferia as cores frias, como o marrom e o verde escuro; também apresentava hipersensibilidade tátil, tinha preferência por texturas naturais e por texturas ásperas. Sendo assim, construímos uma caixa, a partir das possibilidades de Tecnologia Assistiva (TA), visando o acesso ao currículo para o aluno (figura 16), como por exemplo: lápis de cor com textura de madeira, pincel com cabo de madeira, gravetos, tintas naturais, tinta guache verde e marrom (suas preferidas).

Tecnologia assistiva ou ajuda técnica: são produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua *autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social* (BRASIL, 2015, Art. 3º)

Figura 16: Materiais Didáticos Acessíveis



Fonte: a autora, 2021

As crianças são os novos membros de uma espécie que se renova há milhões de anos sobre a Terra. Elas são seres da natureza, simultaneamente, da cultura; são corpos biológicos que se desenvolvem em interação com os outros membros de sua espécie (VIGOTSKI, 1989), mas cujo desenvolvimento pleno e bem-estar social dependem de interações com o universo natural de que são parte.

Figura 17: Menino Graveto



Fonte: a autora, 2021

A partir das vivências com os elementos naturais, o menino começou a interagir no mesmo espaço com a turma, caminhava com seu graveto na mão e sorria de felicidade (figura 17).

Entendo que a natureza é a força ativa que criou e que conserva a ordem natural de tudo que existe. É a própria vida, criadora de todos os seres que constituem o universo. Como nos diz Chauí (2001), a natureza é o princípio ativo que anima e movimenta os seres, força espontânea capaz de gerar e de cuidar de todos os seres por ela criados e movidos.

3.4 As sementes amarelas

Em nosso EDI existe um espaço aberto onde as crianças gostam muito de brincar com as sementes amarelas que caem no chão. Ao conviver em ambientes vivos, cria-se o vínculo afetivo, desenvolve-se a sensorialidade e estimula-se a criatividade. Esse pequeno e estreito espaço do EDI é um espaço natural e muito pedagógico. Fico observando a turma nesse pequeno pedaço de terra, cheio de vida e estímulos. Ali, eles aprendem a cuidar de si, do outro e também do ambiente.

O brincar livre com os elementos naturais do chão criam vínculos afetivos entre eles e despertam a curiosidade e imaginação. Ali eles não brincam de brincar, brincam de verdade e a criação se revela com beleza e encantamento. Seguem alguns relatos desse espaço.

Uma menina pegou um cacho de sementes caídas no chão, começou a contar e relatar suas diversas cores (verde, laranja, amarela e marrom). Feliz da vida, me mostrou suas mãos cheias de pequenas sementes. Ali, a natureza estava presente, ensinando a ciência através da linha do tempo e também da matemática!

Um menino, cheio de energia, parou por um momento com algumas sementes amarelas nas mãos e descobriu que podia desenhar. Ele entregou-se ao chão e deixou fluir sua imaginação. Fez das sementes instrumento de desenho, usando a sua criatividade, desenvolvendo a linguagem escrita e a sensibilidade estética (figura 18).

Figura 18: Sementes Amarelas



Fonte: a autora, 2022

Nesse espaço aberto, o brilho radiante da imaginação infantil é potente de descobertas. A partir da cooperação das mãos e da sensibilidade tátil, a turma manuseia os elementos naturais, experienciam as texturas das folhas verdes, amarelas, aveludadas, secas, pequenas, médias e grandes, brincam com a terra, cavam buracos, fazem bolo, comidinhas, enfeitam com sementes e coquinhos, entre outros. Os pequenos gravetos caídos ao chão transformam-se em espadas e colher de pau para manusearem as comidas com elementos naturais e cavar buracos. Coloquei água e descobriram a lama (figura 19). Foi uma festa!

Figura 19: Lama



Fonte: a autora, 2023

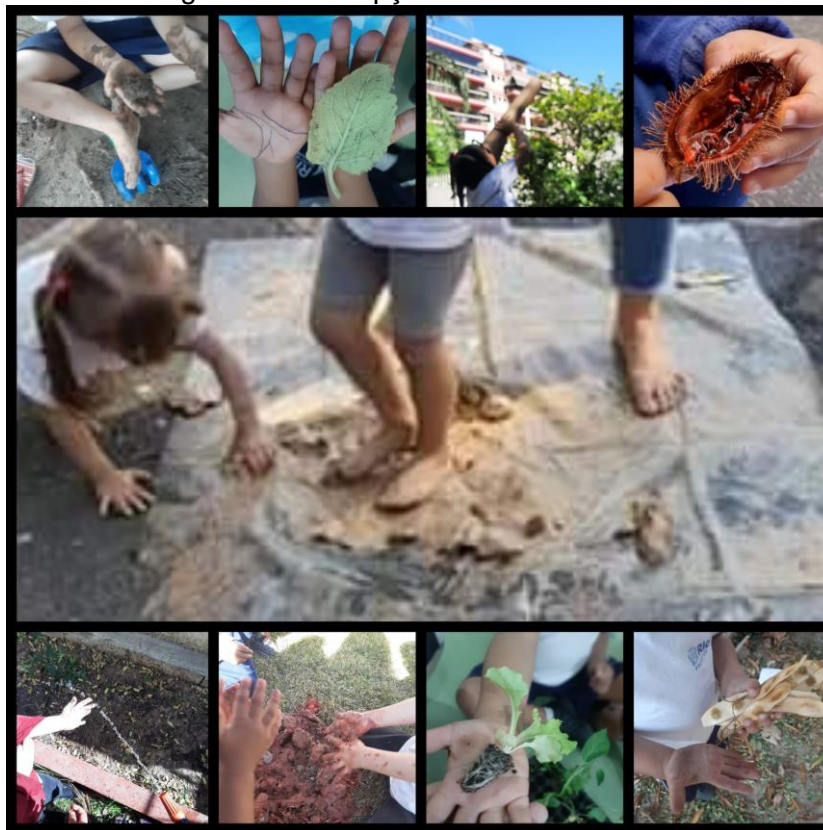
Aproveito para ressaltar a importância de nutrir o aparelho sensorial das crianças. Podemos dizer que o tato é a mãe dos sentidos, pois a pele é um imenso órgão de sensibilidade, é a base da sensorialidade. Todos os outros sentidos estão entrelaçados na função tátil da pele, da cabeça à planta dos pés. As mãos, em sua inteligência exploratória, desenvolvem a percepção tátil, a tatilidade fina. Sendo assim, precisamos criar possibilidades de investigação exploratória que recorram aos sistemas neurossensoriais. O trabalho das mãos trabalha a própria alma. Piorski (2016, p. 10) afirma:

Que o mundo tem cor, que o mundo tem cheiro, que o mundo faz um monte de barulho diferente. Que o mundo é bom de pegar, e que para ser mais completo e feliz é fundamental que vivamos isso. Que

sintamos isso, na maioria das vezes, não vem de berço. Precisa de exercício, de experiência, de conhecer a diferença e, muitas vezes, de se deixar levar ao acaso.

Nesse pequeno espaço de possibilidades, a turma foi estimulada a ampliar as percepções sensoriais a partir dos quatro elementos da natureza. Observamos o elemento fogo com o calor do sol, sentindo a temperatura do corpo e do chão. Sentimos o elemento ar com a brisa tocante no corpo, olhando para o céu, observando os desenhos nas nuvens, vimos as borboletas e os pássaros em seus lindos voos. Experimentamos o elemento água molhando as plantas, fazendo lama, pisando em poças e observando a água caindo do céu em dias chuvosos. Sentimos o elemento terra com os pés no chão, plantando sementes, brincando com argila e manuseando a essência da vida (figura 20). Esse é o menor espaço aberto do nosso EDI, talvez, os menores lugares sejam os que mais cabem imaginação...

Figura 20: Percepções sensoriais



Fonte: a autora, 2022/23

As DCNEI (BRASIL, 2009, Art. 9) apresentam a importância de não só despertar, mas também valorizar a curiosidade da criança: “Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o

conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza”.

A curiosidade despertará na criança o interesse pelo mundo, de experimentar e vivenciar a sua criatividade com encantamento. Sendo assim, é necessário planejar um currículo intencional para oportunizar essas vivências prazerosas, permitindo que expressem suas curiosidades e descobertas.

3.5 A horta do Verdito

Se a nossa horta falasse, ela iria ter o canto do beija-flor, o som do chafariz, o barulho das pedrinhas, o aroma do capim-limão, da erva-doce, do manjeriço e do alecrim. Em um belo dia, fomos conhecer a história O menino do dedo verde, a partir da contação de história Era uma vez uma semente (ANDERSON, 2010). Aquele dia foi memorável.

Respiramos o ar com um cheiro especial, de capim-limão, sentimos o calor do sol nascendo, ouvimos o barulho do chafariz regando as sementes plantadas pelos dedos verdes da turma, apreciamos o canto do beija-flor e sentimos a textura dura das pedrinhas e a maciez da terra molhada. Foi o suficiente para sairmos pelo EDI, cantando a cantiga Alecrim Dourado¹ (figura 21). Foi uma mistura de sensações, encantamentos e aprendizagens.

Figura 21: Os quatro elementos da Natureza



Fonte: a autora, 2023

¹¹ Música do folclore brasileiro.

Como Tiriba (2018, p. 201) questiona: “Encantar-se com a beleza do dia [...], ouvir o canto de um pássaro, observar as nuvens brincando no céu [...] que ensinamentos, que aprendizagens, que estados de espírito essas experiências propiciam?”.

Essas experiências propiciam memórias afetivas, escuta sensível, olhar de profundidade, habilidade perceptiva, porosidade sensorial. As formas tocam do corpo para a alma. Generosamente, a imaginação mostra à criança que as formas da natureza contêm as formas da vida e de todos os seres, todo corpo é espaço de ser, é território ôntico, de vida interior, moldando as primícias íntimas da criança. A aprendizagem faz parte do corpo como um todo, a criança não aprende somente com os olhos e ouvidos, ela experimenta o tato, o paladar, o olfato, experimenta um conjunto de sentidos e sentimentos e experimenta o mundo através das sensações e da exploração que são despertadas pela curiosidade, interações e estímulos. Perpassa o tato, o olfato, a audição e o paladar, alcança todas as impressões sensoriais (figura 22).

Como escreveram Vargas e Cogo (2013, p. 1):

É nesse sentido, que o entendimento de corpo corresponde a considerar a totalidade do ser humano, no qual todas as dimensões: física, intelectual, psicológica, ética, afetiva, moral, social e cultural se complementam em um único ser. E a corporeidade é a nossa presença no mundo. É a maneira como as relações e interações que estabelecemos com o outro e com o mundo influenciam e contribuem para nossa formação como seres humanos. E, ainda, compreender o modo como isso vem orientar nossa atuação na sociedade, enfim, é o olhar sobre o nosso ser estar no mundo.

Figura 22: Roda de conversa



Fonte: a autora, 2022

3.6 Detetives do Canteiro Verde – A lagarta reluzente

Figura 23: Detetive do Canteiro Verde



Fonte: a autora, 2022

De acordo com o Plano de Ação – “Detetive do Canteiro Verde” da minha Unidade Escolar e presente no material do RioEduca, do 1º semestre (RIO DE JANEIRO, 2023, p. 24)], cujo objetivo era investigar e observar a natureza, construímos lupas de papelão, viseira e avental de TNT, na cor verde. Foi um dia de investigação nos canteiros do nosso EDI. Durante o decorrer do percurso investigativo, encontramos, nos jardins, formigas, besouro, borboletas amarelas e laranjas, encontramos um ninho de passarinho na árvore e, um pouco distante dos jardins, do outro lado do quintal, uma detetive avistou bem no alto da árvore uma lagarta verde, que descia linda e formosa pelo tronco robusto. A menina apontava para o alto, sorridente, feliz por ter encontrado a lagarta. Em seguida, a turma se reuniu para observar o trajeto da lagarta, observaram suas pernas e sua linda cor reluzente. Durante esse processo, conversamos sobre a sua importância para a natureza, como ela se transformava em borboleta. A turma pesquisou sobre a metamorfose da borboleta, a lagarta ficou naquele espaço por dois dias, foi o tempo suficiente para afetar e instigar a curiosidade da turma (figuras 23 e 24).

Figura 24: A lagarta reluzente



Fonte: a autora, 2022

Pesquisamos sobre o ciclo de vida da lagarta e resolvemos realizar o jogo simbólico. Cortei um pedaço bem grande de TNT verde, eles fizeram um trenzinho, joguei o tecido por cima do trem, cada criança segurava na ponta do tecido, eles tiveram uma harmonia ao imitar os passos da lagarta.

As experiências com os jogos simbólicos (figura 25) proporcionam às crianças a interação com o “corpo e movimento”, conforme descrito:

A intervenção psicomotora (IP) é uma ação educativa constituída pelo conjunto de atuações intencionadas e intencionais que realiza o psicomotricista, a partir e através do movimento, para impulsionar o desenvolvimento harmônico da pessoa, a integração de suas diferentes funções e o acesso e sustentação da comunicação, base da socialização, promovendo a expressão e manifestação de sua realidade intrapsíquica. A partir do jogo e do movimento, promove o desenvolvimento global, integrando, mediante o diálogo tônico, suas dimensões motora, emocional, cognitiva, social, moral e espiritual. (MASTRASCUSA; FRANCH, 2016, p. 43)

Figura 25: Jogo simbólico



Fonte: a autora, 2022

A Psicomotricidade relacional possui um papel fundamental no desenvolvimento psicomotor da criança. A partir e através do jogo e do movimento, promove seu desenvolvimento integral e dá ao corpo todo o protagonismo infantil, que se expressa através do movimento. Foi lindo ver a harmonia dos corpos imitando o andar da lagarta.

A partir do entrelaçamento dos corpos da turma, percebi como o corpo aprende, fala, vibra, extravasa. Pude perceber o movimento entre aqueles corpos e o mundo ao seu redor e a curiosidade que se tornava brincadeira, corpos que aprendem e ensinam, que conversam entre si, interagem e se completam.

3.7 O silêncio do pássaro (enterro)

Após alguns dias chuvosos, fomos brincar nos espaços abertos do nosso EDI. Como de costume, fomos visitar o ninho de passarinho que encontramos na árvore, quando nos deparamos com o ninho caído no chão e o passarinho morto. A turma ficou surpresa e impactada com a cena.

Um aluno (em investigação de Altas Habilidades) imediatamente falou: “vamos enterrar o passarinho!”. Peguei o ninho e levei para a sala (figura 26). Lá, conversamos sobre o fato ocorrido, expliquei que, provavelmente, devido aos dias

chuvosos e com ventania, o ninho caiu da árvore e o passarinho morreu. Algumas crianças ficaram tristes. O menino que deu a sugestão de enterrar o pássaro espontaneamente falou que precisava colocar uma cruz no ninho. Perguntei a ele sobre o significado da cruz e ele respondeu que quando morremos temos que ter a cruz. Fizemos uma cruz com palito de picolé amarelo, sua cor preferida. Na manhã seguinte, quando chegou, olhou o ninho e disse que estava fedorento.

Figura 26: Ninho do passarinho



Fonte: a autora, 2022.

Fomos para o nosso cantinho de terra. A turma fez um buraco, cavando com as mãos; enterrou o ninho, cobriu com terra e só deixou a cruz exposta. Após o enterro, foram brincar normalmente (figura 27). De vez em quando, chegava uma criança para verificar se estava tudo certo no enterro. Os pais perguntaram como a turma reagiu diante da situação e eu respondi que foram bem realistas. Confesso que também fiquei surpresa com a reação e o protagonismo infantil deles.

Figura 27: Enterro do passarinho



Fonte: a autora, 2022

Diante dessa experiência de morte, cabe ressaltar que o labor imaginário é criar imagens contínuas ligadas ao início das coisas, à estrutura do mundo, à grandiosidade dos fenômenos, à força e ao peso dos acontecimentos, aos elementos primordiais que constituem a vida, ao mistério do nascimento e morte.

Revestidas de corporeidade mágica, as crianças enterram, sepultam e oram pelos pequenos animais, insetos e bichos de estimação. Entregam-se a devaneios de repouso e de ressurreição. Enterram e, logo depois desenterram, esperando um acontecimento novo. Marcam a pequena sepultura para meses depois, investigar os ossos. Guardam os ossos numa caixinha. Examinam, com uma sensibilidade xamânica, a possibilidade de devolver á vida aquela criatura. Sondam, por uma metafísica natural á sua alma, por onde andará aquele bicho que morava na carcaça dos ossos brancos. Alguns meninos, os mais ousados e dotados de onirismo heróico, fazem do crânio do pequeno preá um totem de combate, de vencedor dos terrores da morte. (PIORSKI, 2016, p. 90)

A imaginação telúrica da criança faz parte do desenvolvimento infantil, o brilho irradiante da imaginação vale-se dos sentidos para trazer o mundo para os encantos da realidade. A partir do brincar, a imaginação cria todas as possibilidades de imaginar, a imagem pede mais imagem e assim criam narrativas diferentes, enredam o viver por aspectos diversos. O experienciar nessa faixa etária é fundamental para a criança vivenciar sua imaginação. Como nesse relato, a turma se entregou de corpo inteiro nessa experiência terrena.

A educação é um processo de corpo inteiro porque o conhecimento é fruto da ação do sujeito no mundo, mobilizada pelo desejo, possibilitada pelo corpo, guiada por processos sensoriais (GUIMARÃES, 2008). Vale ressaltar, a importância do desemparedar, que estão para além dos muros escolares, pois todos os lugares são propícios às aprendizagens (figura 28)

Figura 28: Corpo e movimento



Fonte: a autora, 2023

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza está em nós. No ar que respiramos, na água, nas roupas, na madeira, na luz. Somos nós. Somos da mesma matéria que as árvores, os rios, seus peixes.

(Quintais Brincantes, 2022)

É costume finalizar uma monografia com uma “conclusão”. Isso, no entanto, dá a impressão de que, ao chegarmos a esse contexto, encerramos esta pesquisa. Por essa razão, quero ressaltar as considerações finais como “Inconclusão”, pois ainda tenho muito que aprender, pesquisar, experienciar, ensinar, descobrir e construir.

O nosso corpo está em constante movimento com a natureza, é a vida que vive em nós. Durante este período de descobertas, vivências, trocas e escrita, percebi que sou uma aprendiz da natureza, que ela me ensina e me inspira em cada amanhecer, que posso respirar e sentir o movimento do ar em meu corpo, que posso falar e perceber a voz entoando dentro de mim, que posso ouvir todos os dias o bem-te-vi cantando no caminho até chegar ao trabalho. E, ao chegar no EDI, vou encontrar várias crianças à minha espera, inquietas pelo brincar ao ar livre com e na natureza.

Uma infância cheia de afeto, potência e bons encontros. Afetos construídos pelos sentidos: corpo no corpo, olho no olho, toques, cheiros, texturas, cores e sabores são bases para a construção do sujeito, em suas dimensões estética, afetiva, cognitiva, motora, social e ambiental, proporcionando um bom desenvolvimento psicomotor. O afeto nas relações com o outro, consigo mesmo e com o ambiente, por meio das experiências do brincar com e na natureza, legitimam a brincadeira como principal atividade na cultura da infância – o brincar livre.

Encontramos na Psicomotricidade bases e possibilidades de desenvolvimento das estruturas psicomotoras da criança, como também afetividade na estruturação do sujeito em todas as suas dimensões. As experiências compartilhadas foram embasadas nas teorias apresentadas.

Com base nas observações, reflexões e vivências, continuo a presente pesquisa, tendo em vista a necessidade de aprofundar o estudo do brincar livre com e na natureza e o desenvolvimento psicomotor. Assim, finalizo sem finalizar, com a pretensão de continuar descobrindo a potencialidade da natureza.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **Por uma educação romântica** /Rubem Alves. – Campinas, SP; Papyrus, 2002.

ANDERSON, Judith. **Era uma vez uma semente**. Ilustrado por Mike Gordon; traduzido por Vera Caputo. São Paulo: Scipione, 2010. (Milagres da natureza)

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros, São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é o maior quintal do mundo**. São Paulo: Alfaguara, 2015.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: Ética do humano, compaixão pela Terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRASIL. **Decreto nº 99.710, de 21 de novembro e 1990**. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília, DF: Casa Civil, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm. Acesso em: 15 out. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm. Acesso em: 15 out. de 2023.

BRASIL. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/CNE/CEB, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em 10 out. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 10 out. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em 15 out. 2023.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ; Vozes, 1995. (Educação e conhecimento)

GUIMARÃES, Daniela. **Educação de Corpo Inteiro**, 2008. Disponível em: <<http://www.redebrasil.tv.br/salto/>>.

GUIMARÃES, Mauro (Org.) **Os caminhos da educação ambiental: da forma a ação**. Campinas: Papirus, 2006.

LAPIERRE, Andre; AUCOUTURIER, Bernard. **Simbologia do Movimento: Psicomotricidade e Educação**. Curitiba: Evangraf, 2004

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

MASTRASCUSA, Celso; FRANCH, Núria. **Corpo em movimento, corpo em relação: psicomotricidade relacional no ambiente educativo**. São Paulo: Conquista: Evangraf, 2016.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

Quintais brincantes: sobrevoos por vivências educativas brasileiras, 1.ed. Palhoça, SC: Ed. Dos Autores, 2022.

RIO DE JANEIRO. **Currículo carioca de Educação Infantil**. Rio de Janeiro: SME, 2020.

RIO DE JANEIRO. **Material Rioeduca: Impresso Creche - 1º Semestre**. Rio de Janeiro: SME/GEI, 2022a.

RIO DE JANEIRO. **Material Rioeduca: Impresso Creche - 2º Semestre**. Rio de Janeiro: SME/GEI, 2022b.

RIO DE JANEIRO. **Material Rioeduca: Impresso Creche - 1º Semestre**. Rio de Janeiro: SME/GEI, 2023.

SBP, Sociedade Brasileira de Pediatria; ALANA, Instituto. **Manual de orientação: benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes**. 2019.

Disponível em:

https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/manual_orientacao_sbp_cen1.pdf.

Acesso em: 10 out. 2023.

SCHAEFER, Katia Bizzo. Por um olhar psicomotor na formação de professores. In: ALVES, Ricardo Carlos Santos; SCHAEFER, Katia Bizzo (Orgs.). **O olhar psicomotor na educação**. 1. Ed. Rio de Janeiro: CRV, 2019.

SCHAEFER, Katia Bizzo (2020). Corpos de terra e de água: por uma identidade terrena no ambiente escolar. In: **Revista Interinstitucional Artes De Educar**, 6(1), 232–254. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/45880> Acesso em 10 out. 2023.

SCHAEFER, Katia de S. A. Bizzo. **O corpo como vontade de potência no cotidiano escolar**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, AR: Corpora, 2021.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. De Tomaz Tadeu. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

TIRIBA, Léa. Criança da natureza. In: **Anais do I Seminário Nacional Currículo em Movimento Perspectiva Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010.

TIRIBA, Lea. **Educação infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

VARGAS, Alessandra Cardoso; COGO, Tádía Carolina. Um olhar sobre a corporeidade, corpo e educação infantil. In: **EFDeportes. Com Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 18, nº 184, setembro de 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd184/corporeidade-corpo-e-educacao-infantil.htm>. Acesso em jan. 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.